

1

As insónias assaltavam-no agora com mais frequência, não uma ou duas vezes por semana, mas quatro, cinco vezes. Que é que ele fazia nessas ocasiões? Não dava longos passeios à luz da alvorada, que subia no céu como um texto num ecrã de computador. Não tinha nenhum amigo de quem gostasse o suficiente para incomodar com um telefonema. Que é que havia para dizer? Era uma questão de silêncios, não de palavras.

Tentou ler até lhe vir o sono, mas a leitura deixava-o ainda mais desperto. Lia livros de ciência e poesia. Gostava de poemas concisos dispostos minuciosamente no espaço branco, fiadas de marcas alfabéticas gravadas a ferro em brasa no papel. Os poemas tornavam-no consciente da sua própria respiração. Um poema desvendava a cada momento coisas em que, normalmente, não estava preparado para reparar. Eis o subtil cambiante de cada poema, pelo menos para ele, de noite, durante aquelas longas semanas, um fôlego atrás do outro, no quarto rotativo no alto do *triplex*.

Uma noite tentou dormir de pé na sua cela de meditação, mas não era versado que chegue, monge que chegue para consegui-lo, longe disso. Contornou o sono e fechou o círculo, alcançando o equilíbrio, uma calma sem luar em que cada força é contrabalançada por outra. Isto proporcionava-lhe o mais fugaz dos alívios, uma breve pausa no tropel das identidades inquietas.

Não havia resposta à pergunta. Experimentou sedativos e hipnóticos mas criavam-lhe dependência, fazendo-o mergulhar dentro de si mesmo em espirais apertadas. Todos os actos por ele executados eram sintéticos e tinham a persegui-los o próprio reflexo. O pensamento mais apagado trazia consigo uma sombra ansiosa. Que fez ele? Não consultou um psi-

canalista sentado num cadeirão de couro. Freud já deu o que tinha a dar, Einstein quase. Naquela noite estava a ler a *Teoria da Relatividade Restrita* em inglês e alemão, mas por fim pousou o livro e ficou deitado, completamente imóvel, tentando mobilizar a energia suficiente para proferir a única palavra que desligaria as luzes. Nada existia à sua volta. Havia apenas o ruído dentro da sua cabeça, a mente no tempo.

Quando morresse, não acabaria. O mundo é que acabaria.

Postou-se à janela e contemplou o alvorecer do dia magnífico. O panorama abarcava pontes, canais e braços de rio e estendia-se para além das urbanizações e dos subúrbios Pepsodent, dando lugar a vastas extensões de terra e céu cuja única designação possível era os confins do horizonte. Não sabia o que queria. Ainda era noite junto ao rio, lusco-fusco, e vapores cor de cinza pairavam acima das chaminés na margem oposta. Deduzia que, àquela hora, todas as prostitutas já tivessem abandonado os recantos iluminados pelos candeeiros públicos, a sacudir o rabo como enormes patas, enquanto outros géneros de actividades arcaicas começavam a despertar, camiões cheios de fruta e legumes a rolar para fora dos mercados, carrinhas de distribuição de jornais a sair dos armazéns. As carrinhas do pão iam começar a cruzar a cidade juntamente com alguns carros extraviados, saídos do pandemónio, a ziguezaguear pelas avenidas abaixo, com as colunas sonoras a despejar música da pesada.

A coisa mais majestosa que há, uma ponte sobre um rio, com o sol por trás, a lançar os primeiros rugidos.

Observou centenas de gaivotas perseguindo uma barcaça que deslizava, hesitante, rio abaixo. Tinham corações grandes e fortes, ele sabia, corações desproporcionados em relação ao tamanho do corpo. Em tempos, interessara-se pelo assunto e chegara a dominar os mais ínfimos pormenores da anatomia das aves. Os pássaros têm ossos ocos. Bastava-lhe meia tarde para se familiarizar com os temas mais complexos.

Não sabia o que queria. De súbito, descobriu. Queria cortar o cabelo.

Ficou mais um bocadinho ali parado, a observar uma só gaivota que se elevou a ondular num remoinho, admirando a ave, meditando sobre ela até abrangê-la por completo, tentando conhecê-la, sentindo o bater robusto e determinado do seu coração voraz de necrófago.

* * *

Vestia fato e gravata. O fato disfarçava-lhe a curvatura do peito excessivamente desenvolvido. Gostava de fazer exercício durante a noite, puxando pilhas de pesos metálicos através de sistemas de roldanas, levantando halteres, de pé ou deitado de costas num banco, em repetições estóicas que consumiam os tumultos e compulsões do dia.

Deambulou pelo apartamento, quarenta e oito divisões. Fazia-o quando se sentia indeciso e deprimido, caminhando a passos largos junto à borda da piscina comprida e estreita, cruzando a sala de jogo, o ginásio, deixando para trás o tanque dos tubarões e atravessando a sala de projecção. Parou junto ao canil dos galgos russos e falou com os cães. Depois dirigiu-se ao anexo, onde havia cotações de moedas para consultar e relatórios de pesquisa para analisar.

O iene subira sem mais nem menos, contra todas as expectativas.

Tornou a subir até aos seus aposentos, caminhando agora devagar, e deteve-se em cada quarto, absorvendo o que lá se encontrava, vendo por baixo da superfície das coisas, retendo todas as partículas de energia contidas nos raios e ondas.

As pinturas que pendiam das paredes eram principalmente grandes composições monocromáticas e geométricas, enormes telas que dominavam toda uma divisão e conferiam uma quietude contemplativa ao átrio provido de clarabóia, com os seus quadros brancos na vertical e a sua fonte a gotejar. O átrio possuía a tensão e a expectativa de um espaço que se projecta para o alto e exige um silêncio piedoso para ser contemplado e vivido da maneira certa, a mesquita de passos abafados com pombos a soltarem murmúrios debaixo da abóbada.

Ele gostava de quadros para os quais os seus convidados não sabiam como olhar. Os quadros brancos eram indecifráveis para muitos, extensões de tinta cor de muco aplicada à faca. Aquela arte era tanto mais perigosa por não ser nova. Já não há perigo nas coisas novas.

Dirigiu-se ao vestíbulo revestido de mármore no elevador que tocava Satie. Tinha a próstata assimétrica. Saiu para a rua e atravessou a avenida, depois virou-se e encarou o edifício onde vivia. Sentia uma continuidade entre ele próprio e o prédio. Tinha oitenta e nove andares, um número primo, envoltos num invólucro anódino de vidro fumado, cor de bronze. Um e outro partilhavam um limiar ou fronteira, arranha-céus e homem. Media duzentos e setenta metros de altura, a torre de apartamentos mais alta do mundo, uma massa oblonga igual a tantas outras, cujo único traço distintivo era o tamanho. Possuía o

género de banalidade que, com o passar do tempo, se revela verdadeiramente brutal. Ele gostava do edifício por esta razão. Gostava de ficar a contemplá-lo quando se sentia assim. Sentia-se ansioso, sonolento e oco.

Um vento cortante soprou do rio. Ele tirou do bolso o seu assistente pessoal digital e, usando o estilete, escreveu um comentário para si próprio acerca da natureza anacrónica da palavra arranha-céus. Nenhuma estrutura recente devia ostentar essa designação. Pertencia à atmosfera de assombro de épocas remotas, ao tempo das torres terminadas em flecha que já tinham passado à história muito antes de ele nascer.

O próprio aparelho portátil era um objecto cuja cultura original já praticamente desaparecera. Sabia que ia ter de deitá-lo fora.

A torre dava-lhe força e discernimento. Sabia o que queria, um corte de cabelo, mas ficou mais algum tempo no meio do ruído estridente da rua, a examinar o volume e as dimensões da torre. A única virtude da respectiva superfície era coar e espelhar a luz do rio e imitar as marés do céu aberto. Tinha a envolvê-la uma aura de textura e de luz reflectida. Perscrutou toda a sua extensão e sentiu-se ligado a ela, partilhando a superfície e o ambiente que contactava com essa superfície, de ambos os lados. Uma superfície separa o interior do exterior e pertence na mesma medida a um e a outro. Certa vez, no chuveiro, ele meditara acerca das superfícies.

Pôs os óculos de sol, depois tornou a atravessar a avenida e aproximou-se das filas de limusinas brancas. Eram dez, cinco alinhadas junto ao passeio diante da torre, na Primeira Avenida, e outras cinco na rua transversal, viradas para oeste. À primeira vista, nada as distinguia umas das outras. Talvez houvesse entre elas pequenas diferenças de comprimento, consoante os pormenores da carroçaria extralarga e as exigências de cada proprietário.

Os motoristas fumavam e conversavam no passeio, de fato escuro, cabeça descoberta, partilhando um estado de alerta que só se tornaria evidente *a posteriori*, quando os seus olhos despertassem e atirassem fora os cigarros e abandonassem a sua postura descontraída, tendo avistado os alvos da sua deferência.

Por agora conversavam, uns em inglês com sotaque, outros nas suas línguas maternas, e esperavam pelo grande banqueiro, pelo promotor imobiliário, pelo gestor de capitais de risco, pelo director de

empresas de *software*, pelo magnata global da televisão por satélite e por cabo, pelo corretor da Bolsa, pelo executivo dos *media* de nariz adunco, pelo chefe de Estado no exílio de um qualquer país devastado pela fome e pela guerra.

No parque do outro lado da rua havia caramanchões de ferro estilizados e fontes de bronze com moedas iridescentes espalhadas a esmo no fundo. Um homem vestido de mulher passeava sete cães elegantes.

Agradava-lhe o facto de as limusinas não se distinguirem umas das outras. Queria um automóvel assim porque via nele uma réplica plástica, imaterial apesar do seu enorme tamanho, menos um objecto do que uma ideia. Mas sabia que isto não era verdade. Era algo que ele dizia para impressionar, mas nem por um instante acreditava nas próprias palavras. Acreditava por um breve instante, mas sem convicção. Queria aquele automóvel porque não só era colossal como era-o de um modo agressivo e cheio de desprezo, qual metástase, um mutante gigantesco que calcava aos pés todos os argumentos aduzidos contra si.

O seu chefe da segurança gostava do automóvel pelo anonimato. As compridas limusinas brancas eram agora os veículos mais corriqueiros nas ruas da cidade. Estava à espera no passeio, Torval, calvo e sem pescoço, um homem cuja cabeça parecia amovível para reparações.

— Para onde? — perguntou.

— Quero cortar o cabelo.

— O presidente está em Nova Iorque.

— Não queremos saber. Precisamos de cortar o cabelo. Precisamos de atravessar o centro.

— Vai encontrar engarrafamentos que avançam um centímetro de cada vez.

— Bem sei. De que presidente estamos nós a falar?

— Dos Estados Unidos. Vão colocar barreiras — disse o outro. — Ruas inteiras riscadas do mapa.

— Diz-me onde está o meu carro — pediu ele ao homem.

O motorista segurava a porta aberta, pronto a contornar a traseira do veículo em passo de corrida até chegar à sua porta, a dez metros de distância. No ponto em que terminava a fila de limusinas brancas, paralela à entrada da Japan Society, uma outra fila de automóveis começava, os carros de luxo, negros ou cor de anil, cujos *chauffeurs* aguardavam por membros de missões diplomáticas, pelos delegados, cônsules e adidos de óculos escuros.